



Ciência Rural

ISSN: 0103-8478

cienciarural@mail.ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria  
Brasil

Xavier Orzechowski, Melissa; Nobre de Oliveira, Márcia; Sampaio, Daiser Paulo; Antunes de Ávila, Tatiana; Nascente da Silva, Patrícia; Sória Biasoli de Araújo, Flávia; Meireles Araújo, Mário Carlos

Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil

Ciência Rural, vol. 34, núm. 6, nov.-dez., 2004, pp. 1961-1963

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33134647>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil

Feline sporotrichosis with human involvement in Pelotas city, RS, Brazil

Melissa Orzechowski Xavier<sup>1</sup> Márcia de Oliveira Nobre<sup>2</sup> Daiser Paulo Sampaio Junior<sup>3</sup>  
Tatiana de Ávila Antunes<sup>1</sup> Patrícia da Silva Nascente<sup>2</sup> Flávia Biasoli de Araújo Sória<sup>1</sup>  
Mário Carlos Araújo Meireles<sup>1</sup>

### - NOTA -

#### RESUMO

A esporotricose é uma micose subcutânea, causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*. O presente estudo descreve a ocorrência de esporotricose felina na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul - Brasil), e a transmissão para um atendente da clínica veterinária, ocasionada pela arranhadura do animal doente. O felino apresentava deformação do espelho nasal e lesões cutâneas, enquanto o humano apresentava uma lesão ulcerada na região metacarpiana dorsal esquerda. Foram colhidas crostas e/ou exsudato das lesões do felino e do atendente para diagnóstico micológico, os quais foram cultivados em ágar Sabouraud dextrose acrescido de cloranfenicol e incubados a 25 e 37°C, durante 10 dias. O isolamento do *S. schenckii* confirmou o diagnóstico clínico de esporotricose cutânea disseminada no felino e cutânea localizada no atendente. Esta nota pretende alertar profissionais relacionados à clínica de pequenos animais quanto à existência da doença e o alto risco de transmissão pela mordedura e/ou arranhadura de animais infectados.

**Palavras-chave:** *Sporothrix schenckii*, gatos, arranhadura, micose, zoonose.

#### ABSTRACT

The sporotrichosis is one subcutaneous mycosis, produced by the dimorphic fungi *Sporothrix schenckii*. The present study describes the occurrence of feline sporotrichosis in Pelotas city, RS, Brazil. The disease was transmitted to an attendAnt of the veterinary clinic. The transmission was caused by scratching of the infected animal. The feline showed deformity of the nasal plane and cutaneous lesions, and the attendAnt presented one single ulcerated lesion on the dorsal left metacarpus. The mycological diagnostic was made by eschaps

and/or exsudate from the feline and the attendAnt. The samples were cultivated on agar Sabouraud dextrose with chloramphenicol at 25 and 37°C during ten days. As *S. schenckii* was isolated from the samples, the diagnostic of disseminated cutaneous sporotrichosis by the feline and cutaneous localized sporotrichosis by the clinician, was confirmed. This note has the aim to alert small animals clinicians for the existence of sporotrichosis, and the high transmission risk by bites and/or scratch of infected animals.

**Key words:** *Sporothrix schenckii*, felines, mycoses, scratching, zoonosis.

A esporotricose é uma micose subcutânea piogranulomatosa, causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*, que acomete o homem e uma grande variedade de animais (LACAZ et al., 1991; KWON-CHUNG & BENNETT, 1992). Esta micose se apresenta nas formas: cutânea localizada, cutânea disseminada, cutânea linfática e raramente evolui para forma extra cutânea (sistêmica), sendo que os principais sinais clínicos e lesões são nódulos, úlceras, crostas e enfartamento dos linfonodos seguindo a cadeia linfática (KWON-CHUNG & BENNETT, 1992; SCHUBACH & SCHUBACH, 2000).

O *S. schenckii* é um fungo geófilo, que se apresenta na forma micelial, entre 25° e 30°C, considerado sapróbio de cascas de árvores e de solos ricos em matéria orgânica e vegetação, crescendo principalmente em locais quentes e úmidos. Na forma parasitária, a 37°C, passa à levedura, crescendo em

<sup>1</sup>Médico Veterinário, Laboratório de Micologia, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Campus Universitário, 96010.900, Pelotas, RS, Brasil. Telefone: 2757496 / 2230993 / 91229266. E-mail: melissaxavier@bol.com.br

<sup>2</sup>Médico Veterinário, Programa de Pós-graduação em Ciência Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

<sup>3</sup>Médico Veterinário Autônomo, Clínica Veterinária Doutor Paulo Sampaio.

lesões dermo-epidérmicas, viscerais e ósseas (KWON-CHUNG & BENNETT, 1992). Nos animais de companhia, a esporotricose tem sido freqüente em gatos (LARSSON, 2000), manifestando-se na forma cutânea localizada, cutânea linfática e cutânea disseminada (IWASAKI et al., 1988). O presente estudo teve como objetivo relatar e documentar caso de esporotricose felina na cidade de Pelotas (RS-Brasil) com envolvimento zoonótico.

Em abril de 2003, um felino doméstico (*Felis catus*), sem raça definida, fêmea, com idade aproximada de seis anos, foi levado a uma clínica veterinária, localizada na zona urbana da cidade de Pelotas (RS-Brasil). No exame clínico detectou-se hipertermia (temperatura retal de 40°C) e desidratação moderada. O animal apresentava deformação do espelho nasal, com secreção nasal purulenta bilateral, e lesões cutâneas circulares elevadas, caracterizadas por nódulos, crostas e ulcerações, das quais drenava exsudato castanho-avermelhado. As lesões eram disseminadas, localizadas principalmente na cabeça, cauda e membros. O diagnóstico clínico foi de esporotricose e, para confirmação, foram colhidas crostas e exsudato, visando ao diagnóstico micológico.

Durante a contenção do animal infectado, para coleta das amostras das lesões, o atendente foi arranhado na região metacarpiana dorsal esquerda. Após duas semanas, o local apresentava-se edemaciado, eritematoso e nodular, posteriormente, evoluindo para úlcera, drenando um exsudato purulento. A evolução clínica e as características da lesão sugeriram o desenvolvimento de esporotricose cutânea localizada a partir da arranhadura do felino, sendo colhido material para diagnóstico laboratorial.

O exame direto das amostras das lesões, do felino e do atendente, foi realizado através do esfregaço do exsudato corado pelo método de Gram e, para as crostas, foi utilizado hidróxido de potássio a 20%. As amostras colhidas do felino demonstraram numerosas células leveduriformes, ovais, alongadas e gemulando, enquanto estas células foram raras no exame direto das amostras colhidas do atendente, o que condiz com FARIAS et al. (1997) e SCHUBACH & SCHUBACH (2000) que salientam o importante papel do felino na transmissão da esporotricose pelo grande número de leveduras encontradas em suas lesões.

Para o isolamento e a demonstração do dimorfismo do fungo, as amostras foram semeadas em ágar Sabouraud dextrose acrescido de cloranfenicol, e incubados a 37°C e 25°C, por dez dias, sendo realizados exames macro e micromorfológicos do agente. Os cultivos apresentaram, a 37°C, colônias leveduriformes, de cor creme e consistência cremosa e a 25°C,

observaram-se colônias filamentosas, de cor escura. O estudo da micromorfologia da forma leveduriforme revelou a presença de células ovais e alongadas. A forma filamentosa demonstrou a presença de hifas finas septadas e ramificadas com abundantes conídios ao longo destas, e conidióforos com conídios alojados na sua extremidade, dispondo-se em formas de “margaridas” (LACAZ et al., 1991; KWON-CHUNG & BENNETT, 1992; FARIAS et al., 1997), confirmando o diagnóstico clínico de esporotricose no felino e no atendente.

As lesões do felino, atingindo cabeça e membros, caracterizam a forma cutânea disseminada da esporotricose, freqüentemente descrita em felinos (SCHUBACH et al., 2001; SOUZA, 2001), assim como a forma cutânea localizada em humanos (DONADEL et al., 1993; SCHUBACH et al., 2001).

Os casos de esporotricose em felinos, no período de 1998 a 2002, ultrapassaram 499; em humanos, neste mesmo período, totalizaram cerca de 117 casos zoonóticos documentados no Brasil, principalmente na região sudeste (NOBRE et al., 2002). Recentemente foram relatados casos de esporotricose felina com transmissão para humanos em Rio Grande, RS (NOBRE et al., 2001; NOBRE et al., 2002), já, na cidade de Pelotas (RS, Brasil), não há registros de casos de esporotricose em felinos na literatura consultada, sendo este o primeiro caso documentado.

O papel epidemiológico dos felinos, principalmente machos não castrados e de livre acesso à rua, é importante devido às lesões de esporotricose conterem um grande número de organismos fúngicos e também pela presença do *S. schenckii* em unhas e cavidade bucal tanto de gatos acometidos, como de felinos sãos (FARIAS et al., 1997; LARSSON, 2000; SCHUBACH et al., 2000b; SOUZA, 2001). Na maioria dos casos os felinos infectam, através da arranhadura, mordedura ou contato com solução de continuidade outros animais ou o próprio homem e morrem naturalmente ou sofrem eutanásia (SCHUBACH et al., 2000b), devido à dificuldade no diagnóstico precoce da micose, a qual apresenta lesões similares a piodermatites, criptococose e carcinoma epidermóide (LARSSON, 2000).

Este estudo descreve e documenta caso de esporotricose felina em Pelotas (RS-Brasil), somando-se a outros relatos de outras regiões do Brasil, salientando a importância do felino doméstico na transmissão da esporotricose cutânea e, ainda, alerta sobre a existência da doença no município e a importância de incluí-la dentre os diagnósticos a serem diferenciados na clínica de pequenos animais, além dos cuidados necessários, a fim de evitar a transmissão para humanos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DONADEL, K.W. et al. Esporotricose: revisão. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v.68, n.11, p.45-52, 1993.

FARIAS, M.R. et al. Esporotricose canina e felina. **Cães & Gatos**, n.66, p.30-38, 1997.

IWASAKI, M. et al. Skeletal sporotrichosis in a dog. **Company Animal Practical**, v.5, n.2, p.27-31, 1988.

KWON-CHUNG, K.J.; BENNETT, J.E. Sporotrichosis. In: JOHN WILLARD RIPPON, **Medical mycology**. Philadelphia : Lea & Fibeger, 1992. p.707-729.

LACAZ, C.S.; PORTO, E.; MARTINS, J.E.C.M. Esporotricose e outras micoses gomosas. In: SARVIER, **Micologia médica**. São Paulo : Sarvier, 1991. p.233-247.

LARSSON, C.E. Esporotricose. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MICOSES ANIMAIS, 2000, Porto Alegre. **Resumos...** Porto Alegre : UFRGS, 2000. p.66-71.

NOBRE, M.O. et al. Recurrence of sporotrichosis in cats with zoonotic involvement. **Revista Iberoamericana de Micologia**, v.18, n.3, p.137-140, 2001.

NOBRE, M.O. et al. Esporotricose zoonótica na região Sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Veterinárias**, v.9, n.1, p.36-41, 2002.

SCHUBACH, A.O. et al. Esporotricose zoonótica – abordagem entre medicina humana e veterinária. **Ciência Animal**, v.11, p.192, 2001.

SCHUBACH, T.M.P.; SCHUBACH, A.O. Esporotricose em gatos e cães – revisão. **Clínica Veterinária**, São Paulo, v.5, n.29, p.21-24, 2000a.

SCHUBACH, T.M.P. et al. Isolation of *Sporothrix schenckii* from the nails of domestic cats (*Felis catus*). JOHN WILLARD RIPPON, **Medical Mycology**, v.39, n.1, p.147-149, 2000b.

SOUZA, L.L. *Sporothrix schenckii*: estudo epidemiológico em população de gatos. 2001. 32f. Dissertação (Mestrado em Veterinária Preventiva) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas.